

Compreender o Passado para servir a sociedade do Presente

Enquanto unidade de investigação concentrada nos principais desafios do nosso tempo, o Centro de História da Universidade de Lisboa tem vindo a protagonizar uma série de iniciativas e projetos científicos. Hermenegildo Fernandes, diretor desta Unidade de Investigação, enumera alguns dos mais relevantes.



Sala de Investigadores Virgínia Rau do Centro de História da Universidade de Lisboa

A funcionar há seis décadas a partir da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, o Centro de História (CH-ULisboa) corresponde a uma das mais antigas e proeminentes unidades portuguesas de investigação dedicadas ao estudo científico e ao aprofundamento de conhecimentos em torno da ciência que lhe dá nome. Atualmente integrados nesta Unidade de Investigação encontram-se mais de 80 investigadores doutorados e perto de 50 elementos não-doutorados, aos quais se acrescenta o contributo de cerca de 120 colaboradores, oriundos de outras unidades e instituições, portuguesas e estrangeiras.

Naturalmente, e num esforço para atender ao grande desígnio de contribuir para uma compreensão cada vez mais profunda do nosso Passado, esta equipa de 250 membros encontra-se dividida em Grupos de Investigação amplamente consolidados, que se concentram em torno de áreas como as Dinâmicas Imperiais, as Culturas e Sociedades de Encontro, a História Militar, os Estudos de Corte e Diplomacia ou os Usos do Passado. Todo o trabalho científico desenvolvido nesta unidade encontra-se, por sua vez, alicerçado em três grandes Linhas de Investigação: os Estudos Mediterrâneos, os Estudos

Africanos e Atlânticos e, por fim, os Estudos Asiáticos e Euro-Asiáticos.

História na sociedade

Questionado sobre o papel de que esta área científica se reveste para o progresso e bem-estar da nossa sociedade, Hermenegildo Fernandes convida-nos a tomar parte num exercício mental simples em torno do conceito da amnésia. Afinal, “se cada pessoa vivesse privada de memória”, a grande consequência de tal fenómeno seria nada mais, nada menos do que “um estado de amputação da nossa própria personalidade”. De resto, e num

Falar de uma unidade de investigação como o CH-ULisboa implica que se faça alusão a um organismo amplamente internacionalizado que, ao longo de anos mais recentes, tem vindo a consolidar muito do seu trabalho científico em torno do que constituem algumas das temáticas mais prementes à escala mundial.

possível esforço para o afastamento de tão pernicioso cenário, o historiador lembra “um aspeto que sempre caracterizou as sociedades humanas: a produção de uma forma de memória social” que pudesse ser partilhada mediante “um sistema de provas” e que “separa o exercício da escrita da História do exercício da ficção”.

Lembrando que esta perspetiva de “olhar para o passado”, desenvolvida pela Humanidade há mais de dois milénios e reproduzida ao longo do tempo permanece enquanto “um dos pilares das nossas várias sociedades”, o diretor do CH-ULisboa sublinha que valorizar o papel da His-



1 Contribuindo com mais uma valiosa página para o vasto legado do Centro de História da Universidade de Lisboa, a investigadora Ana Travassos Valdez (cujo currículo académico engloba passagens e trabalhos feitos com a Universidade de Yale ou a Universidade de Oxford) obteve o estatuto de Investigadora Principal no concurso Estímulo ao Emprego Científico Individual 2018. Ao longo do seu percurso, a investigadora tem vindo a focar-se no estudo do impacto e da receção que os estudos bíblicos e a literatura apocalíptica têm merecido, por parte da sociedade, em diferentes épocas da História.

Mais do que prestigiante para a instituição, o estatuto de Investigadora Principal corresponde a uma distinção particularmente rara no âmbito das Ciências Sociais e Humanas, o que permite reforçar a relevância do plano de investigação em causa. Recorde-se que este Concurso Individual destina-se a doutorados que procuram materializar investigação científica ou desenvolvimento tecnológico em Portugal, associando-se a unidades de investigação e desenvolvimento financiadas pela FCT.

tória é “compreender que o nosso Presente contém uma sequência de Passados dos quais não nos podemos abstrair”. Concomitantemente, e mesmo de que “não tenhamos consciência disso, as nossas decisões são condicionadas por esses mesmos Passados”, o que se comprova, em pleno período contemporâneo, através de fenómenos como “a ressurgência dos medos do exterior ou a construção de novos muros”, sustenta o porta-voz. Em suma, e à luz do espírito despertado pela

Revolução Científica, é convicção última do historiador que “o conhecimento permite um olhar crítico sobre a realidade, ajudando-nos a tomar melhores decisões, seja individual, seja coletivamente”.

Uma nova dinâmica (inter) nacional

Falar de uma unidade de investigação como o CH-ULisboa implica que se faça alusão a um organismo amplamente internacionalizado que, ao longo de anos mais recentes, tem vindo a consolidar muito do seu trabalho científico em torno do que constituem algumas das temáticas mais prementes à escala mundial. A comprová-lo, bastará salientar a crescente ênfase em torno da solidificação de um novo Grupo de Investigação, dedicado ao universo da História Ambiental. Numa clara referência à sua designação, tem sido apanágio deste coletivo de investigadores refletir em torno de temáticas interdisciplinares como, por exemplo, as alterações que se têm verificado na Costa Litoral Portuguesa ao longo do tempo (ver caixa 2).

Por outro lado, e através da celebração de múltiplos protocolos com diversas instituições localizadas em países como a Argélia (nomeadamente, a Universidade de Biskra ou o Instituto de Arqueologia de Argel), é expectável que se materialize um corpo cada vez maior de investigações sobre questões como a utilização da água em sistemas de irrigação. Paralelamente, e lembrando a integração, em 2015, do extinto Centro de História do Instituto de Investigação Científica Tropical na dinâmica do CH-ULisboa, tem sido responsabilidade desta Unidade “continuar o legado científico” do estudo de sociedades localizadas no continente africano ou na região índica do globo.

Particularmente digna de referência foi a materialização de um protocolo de cooperação com a Universidade de Cabo Verde, com o objetivo de dar continuidade ao estudo e obra da His-

tória Geral de Cabo Verde, numa iniciativa que envolverá também a exploração arqueológica da Cidade Velha, situada em plena Ribeira Grande de Santiago. De igual relevo são, por seu turno, os esforços de digitalização integral das edições do jornal *Nô Pintcha*, um veículo fulcral na estratégia de comunicação do PAIGC e uma fonte “considerada fundamental, pelos especialistas em estudos pós-coloniais a nível internacional, para estudar a História dos movimentos de descolonização”, lembra o nosso interlocutor.

Projetos de relevo

Assumindo-se como uma unidade de investigação que proporciona valiosos contributos para o conhecimento da História, são diversos os projetos de investigação laborados no CH-ULisboa a que poderíamos fazer especial referência. Refira-se, a título exemplificativo, o “OECONOMIA STUDI: Financiamento, Gestão e Recursos da Universidade em Portugal: uma Análise Comparativa (séculos XIII-XVI)”, cujo foco é a compreensão das condições logísticas e dos sistemas de financiamento da Universidade Medieval Portuguesa. Também subjacente a este projeto (coordenado por Hermenegildo Fernandes e financiado pela FCT) existe a tentativa de criar uma prosopografia dos professores que laboraram nestas instituições de Ensino.

Igualmente patrocinado pela FCT, o projeto “African Ivories in the Atlantic World: a Reassessment of Luso-African Ivory” (liderado por Peter Mark) opera com o apoio de uma equipa científica internacional, cujo foco é a análise da circulação do marfim africano, não apenas enquanto valiosa matéria-prima no comércio intercontinental, mas também enquanto um valioso artefacto estético. Por fim, e operando numa vertente internacional (apoiada pelo Horizonte 2020), projetos como “SLAFNET: Slavery in Africa: a Dialogue Between Europe and Africa” (sendo a equipa portu-

guesa coordenada por José Damião Rodrigues) propõem uma perspetiva histórica sobre o fenómeno da escravatura ao longo de diferentes épocas.



DUNES: Sea, Sand and People. An Environmental History of Coastal Dunes (O Mar, a Areias e as Gentes. Uma História Ambiental das Dunas Costeiras)

DUNES: Sea, Sand and People. An Environmental History of Coastal Dunes (O Mar, a Areias e as Gentes. Uma História Ambiental das Dunas Costeiras)

“Dunas? Porquê dunas? O tema é insólito para um historiador e prende, desde logo, a atenção. Os grandes medões ou areias da costa, como eram chamadas, são o mote para se falar sobre as relações entre os seres humanos e o litoral, numa perspetiva transnacional, cruzando passado, presente e futuro. De uma forma inovadora, com uma equipa interdisciplinar – das áreas da História, Geologia, Geografia e Biologia –, pretende-se recuperar a história das intervenções humanas nas dunas, cruzá-la com dados científicos, e gerar novos conhecimentos capazes de ajudar à tomada de decisões relativas à gestão costeira e de fomentar a ciência cidadã”.

Joana Gaspar de Freitas, investigadora do CH-ULisboa e autora do único projeto (na área de História) contemplado com uma bolsa (Starting Grant 2018) do European Research Council.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e Tecnologia - no âmbito do projeto UID/HIS/04311/2019